



Cartas

Recebam meus cumprimentos pelo excelente jornal com matérias que permitem acompanhar a evolução da Universidade, sendo fonte de renovados conhecimentos e abalizadas opiniões.

Leônia Capaverde Bulla

Sou arquiteta e resido em Rosário do Sul, distante 400 km de Porto Alegre. Devido a este pequeno e importante detalhe, eu e muitos outros profissionais somos impedidos de fazer cursos de especialização. Por que todos os cursos são ministrados em períodos alongados e não corridos? Sugiro que pensem em algo como uma semana, por exemplo. Profissionais não existem só na capital e arredores.

Ana Gonzalez

Envie sua crítica, sugestão ou opinião:
e-mail: jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS

REPRODUÇÃO / ACERVO CPD



▶ 1970 Prédio que atualmente abriga o Centro de Processamento de Dados da UFRGS (CPD) foi inicialmente projetado para funcionar como garagem do Hospital de Clínicas

Espaço da Reitoria

A pesquisa e sua relação com o cotidiano

O início do ano letivo representa a renovação das idéias, das energias e principalmente do legado da responsabilidade e do conhecimento do presente, olhando para o futuro com convicção plena de inovar a cada momento. Uma sequência de eventos apresentou destaque no âmbito regional, e a participação ativa de nossa instituição nos deixa orgulhosos, cientes do significado que a Educação Superior tem para impulsionar cada vez mais nosso objetivo como Nação soberana. Foi com esse compromisso que participamos ativamente da Agenda Estratégica RS 2006-2020, na qual tivemos

oportunidade de reafirmar o papel que a UFRGS tem tido na disseminação do conhecimento para atingir o patamar de desenvolvimento do Estado desde o final do século XIX.

Com esta mesma convicção, estamos nos preparando para participar na segunda edição da Globaltech através do esforço coletivo da administração central e das diversas unidades acadêmicas. Com a expectativa de poder mostrar ao público as diferentes pesquisas realizadas no âmbito da Universidade, que beneficiam no dia-a-dia cada cidadão, é que direcionamos nossa participação

de forma a permitir a avaliação da relação intrínseca do nosso cotidiano com pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica. Nosso envolvimento reforçará a compreensão de que o desenvolvimento tecnológico consistente deve amparar-se em uma forte pesquisa básica, recursos humanos qualificados e liberdade acadêmica. Qualidades que a UFRGS, instituição pública comprometida com a sociedade, permanentemente reitera em seu projeto acadêmico.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

Reconhecimento

A reportagem da página central do Jornal da Universidade de março (ed. 85), que trata das parcerias entre universidade e empresas, será republicada em dois informativos: no *Jornal da Ciência, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)* e no *site da Altus Sistemas de Informática*.



Artigo

Trançando e pintando diferenças sociais e cosmológicas

Quem são os povos indígenas atualmente fixados no Rio Grande do Sul? Suas inúmeras dificuldades de toda ordem e os diversos tipos de preconceito que enfrentam na vida diária compõem com frequência nos espaços da mídia regional e mesmo nacional: não-regularização de suas terras e ausência ou carência completa de políticas públicas diferenciadas às suas especificidades socioculturais nos mais diversos âmbitos, apesar dos dispositivos constitucionais que garantem tais direitos. Da mesma forma, todos reconhecemos a imensa e engessada máquina burocrático-estatal que deveria apoiar as ações relacionadas a minimizar tais realidades.

Nesse cenário, também identificamos avanços, especialmente de âmbito regional, através de processos institucionais que optaram acertadamente pela constituição de uma escola qualificada das demandas expressas pelos membros desses povos. Assim, me parece que a pedra de toque está na construção da interlocução com esse "outro", que constantemente o "senso comum" quer continuar negando, pois, e esse é o argumento da negação, no mundo das aparências externas parecemos ser todos iguais, homogêneos. Por isso mesmo, justifico o enfoque deste texto: quem são os povos indígenas atualmente fixados no Rio Grande do Sul? Sobre qual diferença estamos falando? Quais são as especificidades socioculturais em relação à nossa sociedade? O que

justifica, além do texto constitucional, políticas públicas diferenciadas?

Para os Kaingang, seus trançados constituem referências visuais claras de sua alteridade em relação à sociedade nacional envolvente e à outra etnia indígena com quem dividem o palco da pluriétnicidade no Rio Grande do Sul, os Guarani. Os trançados expostos não são apenas cestos, mas marcas visíveis da diferença, que fazem parte de um sistema de representações visuais, originados por um tradicional e específico sistema cultural Kaingang – a percepção dual do cosmos, enfatizando e sintetizando sua organização social baseada em duas metades exogâmicas, patrilineares, assimétricas e complementares. Os grafismos, morfologias e posições/espaços considerados compridos, longos, altos, abertos são denominados *téi* e re-

presentam a metade *Kamé*. Já os grafismos vistos como redondos, quadrangulares, losangulares, baixos, fechados são chamados de *ror* e representam a metade *Kainru-kré*, o que indicaria uma ênfase das representações gráficas no ideal de

buscar simetria entre opostos, ou, ainda, de obter fertilidade e eficácia simbólica na união de contrários.

Já os Guarani dão ênfase ao domínio da natureza em suas representações gráficas e manifestações estéticas, tanto num estilo abstrato, geométrico e iconográfico que se faz presente nos grafismos produzidos em vários suportes, como num estilo figurativo que aparece nas esculturas zoomorfas em madeira e nos de-

Os trançados expostos não são apenas cestos, mas marcas visíveis da diferença

senhos escolares. Trata-se, evidentemente, de um modo particular, construído cultural e localmente, de conceber o meio ecológico circundante, de atribuir sentido a seus diversos elementos constitutivos, e, principalmente, de estabelecer uma relação controlada socialmente com os do-

mínios da natureza e da sobrenatureza, pelos perigos que representa franquear suas fronteiras interpenetráveis e diluídas. Seus grafismos enfatizam conceitos de uma ecologia simbólica, isto é, de um esquema cultural de percepção e concepção do meio ambiente que aponta para conceitos cosmológicos.

Em outras palavras, a etnoarte Guarani evidencia o domínio da natureza e da sobrenatureza, através da representação de seres primevos: deuses, animais, vegetais e demais elementos do cosmos, com a exclusão da figura humana, de artefatos culturais e outros itens de sua organização social, diferentemente dos povos Jê-Bororo (os Kaingang, por exemplo), priorizando as relações com as divindades, e a inter-relação destas com os domínios da natureza e da sociedade.

Sérgio Baptista da Silva
Professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – UFRGS